

Arte do terceiro setor como símbolo de transformação sociocultural*

Third sector art as a sociocultural transformation symbol

*Paola Vieitas Vergueiro***

Resumo

Este artigo investiga, a partir da teoria junguiana, possíveis sentidos de ações promovidas pelo terceiro setor que se utilizam de linguagem artística. Para realiza-lo explora, a partir das postulações de Jung, a relação entre arte e consciência coletiva. Aborda o sentido social e cultural dos fundamentos teóricos junguianos. Apresenta o conceito de energia psíquica, esclarecendo a importância do seu emprego como pulsão pela atividade, reflexão ou criatividade para o desenvolvimento humano. Analisa a crise social atual, a partir da referência teórica junguiana. Com base nos fundamentos teóricos apresentados, realiza uma leitura das ações promotoras de inclusão social de organizações do terceiro setor mediante uso de linguagens artísticas observadas no mundo contemporâneo, compreendendo-as como novas vias para a transformação da psique sociocultural. Propõe, finalmente, que este fato seja visto como símbolo de uma transformação própria à realidade sociocultural brasileira.

Palavras-chave: psicologia junguiana; arte; energia psíquica; símbolo; inclusão sociocultural.

Abstract

Based on Jungian theory, this paper investigates possible collective meanings of third sector activities that engage in the use of artistic language. Jungian postulations are used to explore the relationship between art and collective

* Artigo elaborado a partir da apresentação no XXI congresso da Associação Junguiana do Brasil: Símbolos de Transformação: perspectivas para um mundo em crise, de 25 a 27 de outubro de 2013 sob o título “Arte e transformação sociocultural, uma leitura junguiana”. Agradeço à Eloisa Penna pela leitura crítica deste trabalho.

** Psicóloga pela PUC-SP, mestre em Distúrbios do Desenvolvimento (Mackenzie), arteterapeuta (AATESP), especialista e doutora na abordagem junguiana (PUC-SP). Realiza formação de analista no IJUSP. Arteterapeuta, professora e supervisora. E-mail: paola.vv@hotmail.com

consciousness. The psychic energy concept is introduced and is considered to be of utmost importance as a driving force for human development activity, reflection and creativity. The current social crisis is also analyzed from a Jungian perspective. Based on the theoretical foundations presented, this paper presents the interpretation that third sector organization initiatives that promote social inclusion through the use of art, as observed in the contemporary world, are the new sociocultural psyche change agents. It concludes that these actions are a symbol of Brazilian sociocultural reality.

Keywords: *Jungian psychology; art; psychic energy; symbol; sociocultural inclusion.*

INTRODUÇÃO

A meta deste artigo é, a partir da teoria junguiana, propor uma leitura de ações do terceiro setor que promovem inclusão social pela arte.

Para realizá-lo investigamos, a partir das proposições de Jung (1987), a relação entre psiquismo e arte, e sua importância para o desenvolvimento da consciência coletiva. Em seguida nos dedicamos à relação entre a psicologia analítica e a dimensão social, a partir das proposições de Ira Progoff (1953). Pretendemos, com isto, demonstrar como a teoria junguiana pode colaborar com a compreensão das mudanças sociais que observamos na atualidade, tendo como foco, neste estudo, a utilização da arte pelo terceiro setor.

Em seguida expomos os trabalhos de Ester Harding (1973) sobre energia psíquica, com a intenção introduzir a importância da transformação da energia instintiva do plano puramente biológico para o plano psíquico, oferecendo desta maneira oportunidades de ampliação de consciência e desenvolvimento social e cultural. São expostas considerações acerca da crise do mundo atual à luz da teoria junguiana, como a supervalorização da consciência racional, distanciamento da dimensão instintiva e inconsciente, e a importância da dimensão simbólica na ampliação de consciência do homem atual (Progoff, 1953, Harding, 1973, Jaffé, 1995).

Ao final, são citadas algumas das inúmeras iniciativas observadas no mundo atual que têm proporcionado inclusão social pela arte. Considera-se a hipótese de que tais manifestações representem um avanço na consciência coletiva e na forma com que o homem tem se relacionado com sua

instintividade. Sugerimos que, além dos ganhos concretos decorrentes destas ações, há evidências de que estas iniciativas sejam um novo símbolo de transformação sociocultural brasileiro.

ARTE E CONSCIÊNCIA COLETIVA

Ao investigarmos a arte como meio de transformação psíquica consideramos que existe uma estreita relação entre esses campos. À medida que a arte é também uma atividade psicológica compreende-se que pode, como qualquer outra atividade humana, ser objeto da psicologia. Não nos propomos, contudo, a tocar no conceito de arte. Esta questão remete a considerações estético-artísticas, que não pertencem ao campo da psicologia. Jung (1987, par. 99) afirma: “Seja o que for que a psicologia possa fazer com a arte terá que se limitar ao processo psíquico da criação artística, e nunca atingir a essência profunda da arte em si”.

Devemos considerar que a psicologia analítica tem uma modesta contribuição a oferecer ao problema central da criação artística. O processo criativo na arte está comprometido com o mistério da vida, que não pode ser investigado pela psicologia científica. Segundo Jung (1987, par.121) “Enquanto estamos presos ao próprio criativo não vemos, entendemos, nem devemos entender, pois nada é mais nocivo e perigoso para a vivência imediata do que o conhecimento”.

Para observarmos a arte a partir da perspectiva psicológica devemos nos afastar do processo criativo e olhá-lo de fora, pois assim ele se tornará uma imagem passível de sentido. A obra de arte oferece, deste ponto de vista, uma imagem que pode ser vista a partir da perspectiva simbólica.

Segundo Jung (1987) a demanda criativa do artista se origina em regiões profundamente inconscientes, que têm a ver com seu mito pessoal. Assim, a arte representa um mito pessoal do artista e leva a novos movimentos intelectuais e vitais, mas é, também, um reflexo do equilíbrio instável e da dicotomia da cultura em questão. Grandes artistas são veículo para a vida inconsciente da humanidade. Jung (1987), referindo-se ao artista, afirma:

Ele tocou as regiões profundas da alma, salutares e libertadoras, onde o indivíduo não se segregou ainda na solidão da consciência, seguindo um caminho falso e doloroso. Tocou as regiões profundas, onde todos os seres vibram em uníssono e onde, portanto, a sensibilidade e a ação do indivíduo abarcam toda a humanidade. (Jung, 1987, par. 161)

Ao tocar em conteúdos comuns a todos os homens a obra de arte faz emergir conteúdos de épocas arcaicas, que parecem sobre-humanos por que são desconhecidos. Nas palavras de Jung (1987, par. 130): “Este é o segredo da ação da arte. O processo criativo consiste (até onde nos é dado segui-lo) numa ativação inconsciente do arquétipo e numa elaboração e formalização na obra acabada”.

As manifestações artísticas trazem à tona temáticas que refletem desequilíbrio do espírito de sua época histórica. A arte cumpre, desta forma, função compensatória em relação à consciência. Afirma Jung (1987, par. 131): “Assim como no indivíduo a unilateralidade de sua atitude consciente é corrigida por reações inconscientes, a arte representa um processo de auto-regulação espiritual na vida das épocas e das nações. Desta maneira, se evidencia a função social da obra de arte: corrigir a unilateralidade da consciência coletiva. Uma época é como um indivíduo. Tem suas limitações, e suas tendências à unilateralidade da consciência, que requerem ajustes compensatórios. Nas palavras de Jung (1987, par 130) o significado social da obra de arte é explicitado:

É aí que está o significado social da obra de arte: ela trabalha continuamente na educação do espírito da época, pois traz à tona aquelas formas das quais a época mais necessita. Partindo da insatisfação do presente, a ânsia do artista recua até encontrar no inconsciente aquela imagem primordial adequada para compensar de modo mais efetivo a carência e unilateralidade do espírito da época.

Uma vez compreendida a função social da arte do ponto de vista da psicologia analítica, passaremos à investigação da relação entre esta referência teórica com a dimensão social, visando aproximarmo-nos da relevância de expressões da sociedade atual neste enfoque teórico.

A PSICOLOGIA DE JUNG E O ÂMBITO SOCIAL

Jung (1989, 1990), interessado no desenvolvimento humano, construiu suas teorias a partir de experiências com seus pacientes e do estudo de produções culturais de diferentes civilizações e momentos históricos. As origens da teoria junguiana ultrapassam, portanto, as vivências terapêuticas e pessoais, e fornecem elementos para a compreensão dos movimentos de desenvolvimento da consciência humana.

A psicologia de Jung considera o psiquismo como pessoal e impessoal, e concebe o homem como um ser social, histórico e cultural (PENNA, 2003). Nesse sentido, permite a compreensão do ser humano para além dos limites da vida particular e pode colaborar com a compreensão do psiquismo em suas dimensões social e cultural.

Progoff (1953) explora com dedicação os conceitos junguianos, buscando um entendimento do seu significado para a história, cultura e sociedade. Ao longo da obra citada, demonstra como diversos conceitos (símbolos, arquétipos, energia psíquica, entre outros) têm fundamentos e implicações relacionados à sociedade. Visa a compreender como o psiquismo, observado a partir da teoria junguiana, colabora com a compreensão das mudanças históricas e sociais. Uma vez que a psique humana não pode funcionar sem a cultura, e nenhum indivíduo existe sem sociedade, ele parte do fato que toda análise deve começar da natureza social do homem.

A despeito do interesse de Jung como psiquiatra ter sido, em primeiro lugar o indivíduo, do ponto de vista do estudo do homem, ele considera a sociedade como formadora do indivíduo. Segundo Progoff (1953) da mesma forma que a consciência emerge do inconsciente, o indivíduo emerge da sociedade mediante um processo de diferenciação.

O estudo do desenvolvimento social pela psicologia analítica carece de esclarecimentos teóricos, em função da ênfase dada por Jung à diferenciação da individualidade. Byington (1999) oferece uma visão minuciosa da relação indivíduo/sociedade/cultura, que esclarece este mal-entendido. Afirma que o conceito de arquétipo é compatível com o desenvolvimento tanto individual como coletivo, mas a ênfase dada por Jung à diferenciação arquetípica da individualidade dificultou a compreensão da diferenciação

arquetípica na dimensão coletiva. O processo de diferenciação, visto na perspectiva da sociedade e da cultura, fica obscuro dentro da obra de Jung. Byington (1999, p. 61) esclarece-nos que:

Jung descreveu o processo de individuação como um processo de diferenciação arquetípica do indivíduo do coletivo na segunda metade da vida. Essa redução da individuação a uma diferenciação do coletivo tornou impossível a conceituação do desenvolvimento arquetípico simultâneo do indivíduo, da família e da sociedade.

Propõe que os padrões arquetípicos de desenvolvimento podem ser aplicados ao indivíduo, à família ou à sociedade. A teoria junguiana pode prestar-se, em função disto, à compreensão das dinâmicas sociais, culturais e políticas como afirma Rodrigues (2006, p. 4):

Sabe-se que a teoria de Jung prima pela consideração do coletivo como pano de fundo arquetípico para as ações do indivíduo, mas a nós, junguianos que nos preocupamos em ter uma inserção em contextos mais amplos, além do consultório, resta o desafio de propor intervenções efetivas nos variados grupos que compõem essa dimensão coletiva.

Este argumento não é novidade para os apreciadores de Hillman e Ventura (1995), Samuels (2002) e Zoja (2005). Os autores afirmam que o trabalho em psicologia é, também, político e social. Não é demais esclarecer o cuidado sugerido por estes em relação aos recursos teóricos e técnicos a serem utilizados em tais trabalhos, uma vez que não é possível transpor os conhecimentos psicológicos do indivíduo para o grupo sem considerar as particularidades das diferentes dimensões.

Jung (1987), ao tomar o processo de individuação como intrinsecamente relacionado à sociedade e à cultura, considera que uma sociedade salutar pode colaborar com o desenvolvimento dos seus integrantes, ou o contrário. Compreende o desenvolvimento como um processo que ocorre no seio da sociedade, e que depende do relacionamento do indivíduo com o coletivo.

É óbvio que um grupo social constituído de indivíduos deformados não pode ser uma instituição saudável capaz de sobreviver por muito tempo, pois só a sociedade que consegue preservar sua coesão interna e seus valores coletivos,

num máximo de liberdade do indivíduo, tem o direito à vitalidade duradoura. Uma vez que o indivíduo não é um ser único mas pressupõe também um relacionamento coletivo para a sua existência, também o processo de individualização não leva ao isolamento, mas a um relacionamento coletivo mais intenso e abrangente. (Jung, 1987, par. 853).

A partir dessas considerações fica esclarecido que tanto o indivíduo depende do coletivo, como o coletivo depende dos indivíduos que o compõe, para seu desenvolvimento. Ambas as perspectivas de investigação são possíveis, a partir da teoria junguiana. Neste estudo investigaremos o significado psicossocial e cultural das iniciativas atuais do terceiro setor. No ítem seguinte são expostas as ideias de Ester Harding (1973) sobre o desenvolvimento da energia psíquica, conceitos utilizados ao final do artigo para justificar a importância da pulsão criativa no desenvolvimento da consciência humana.

ENERGIA PSÍQUICA E DESENVOLVIMENTO

Harding (1973), uma importante discípula de Jung, escreve *Energia Psíquica* nos últimos anos da Segunda Grande Guerra. Na introdução do livro comenta que sua motivação em fazê-lo está justamente nas contradições da vida. Enquanto escreve o livro em situação de absoluta tranqüilidade e paz em Nova Iorque, a Segunda Grande Guerra acontece em diferentes continentes destruindo milhares de pessoas. O contraste entre a superfície civilizada do homem e suas profundezas destruidoras chama à sua atenção. Não seria possível conhecer e transformar o lado primitivo do homem ?

A partir das postulações de Jung desenvolve uma concepção de desenvolvimento que se aplica tanto ao indivíduo como ao coletivo. Estuda a energia psíquica e sua canalização a partir da relação com a dimensão instintiva. Harding (1973) afirma que no primeiro estágio de desenvolvimento tanto do indivíduo como do coletivo existem três instintos básicos, a sexualidade, a autodefesa e a fome. Podemos chamar a este estágio de primitivo. A resposta aos instintos neste estágio é compulsiva e automática, equivalente à que encontramos nos animais.

Para Harding (1973) um indivíduo que reconhece suas necessidades corporais pode adquirir certo desapego das mesmas e ultrapassar o “eu quero” compulsivo da infância. É capaz de adiar a satisfação de sua fome, do sexo e demais necessidades corporais até que as condições estejam propícias para sua realização. Uma parte dessa energia é canalizada para outros objetivos. Desta maneira o indivíduo alcança o segundo estágio de desenvolvimento. Neste segundo estágio desenvolve-se o ego e a consciência pessoal. Paralelamente, desenvolve-se o sistema nervoso central. O indivíduo passa a ter a capacidade de escolha. Não responde mais ao estímulo de forma automática. Pode-se reconhecer, a partir de então, um fator psíquico separado do instinto. Conforme o sistema nervoso e o ego se desenvolvem, a liberdade em relação ao instinto aumenta. A emergência da psique modifica os instintos, que passam a estar, em parte, no controle do indivíduo. Em concordância com as postulações psicanalíticas, Jung (1990) chamou esse processo de psiquização. Parte dos instintos são modificados no homem, diferentemente dos outros animais, podendo assim servir às necessidades da psique, em vez de permanecerem ligados ao nível biológico ou animal. Identificou outros três instintos que desenvolvem-se a partir dos básicos e motivam a vida psíquica do indivíduo: de atividade, de reflexão e de criatividade. A psiquização do instinto modifica seu caráter compulsivo, mas não o anula. Afirma Harding (1973, p. 20) em concordância com o autor: “Ainda assim, em condições de tensão o indivíduo pode perder esse difícil controle, e temporária ou até permanentemente, cair na dominação arbitrária do instinto.”

Para Harding (1973) o terceiro estágio de desenvolvimento se caracteriza pela assimilação de aspectos do inconsciente, pelo ego. Neste estágio o ego se relaciona tanto com o inconsciente pessoal como o impessoal na sua psique, e transfere a autoridade para o si-mesmo. Este estágio não é alcançado de maneira absoluta, a não ser por pouquíssimos humanos, mas é aclamado como o grande objetivo do homem pelas religiões de todos os tempos.

Não existe uma substituição completa do primeiro estágio pelo segundo, nem do segundo pelo terceiro. A evolução nos remete a uma

ampliação da consciência e à psiquização dos instintos que passam a ser canalizados segundo o si-mesmo, mas nunca à extinção dos estágios anteriores.

A mudança de estágio é normalmente iniciada por uma frustração. A falta de satisfação de uma necessidade leva a uma reflexão, que permite a elaboração do conflito de uma maneira diferente da imediata, originalmente conhecida. Este processo vincula a energia psíquica à consciência do sujeito e exercita sua função criativa.

Deve-se considerar que as pessoas reagem de maneira diversa à falta, e isso influencia o desenvolvimento individual. Alguns têm na satisfação do corpo o seu objetivo final. Se ela não acontece, reclamam seu azar e sentem pena de si mesmos, ou culpam os outros. Outras pessoas não encontram a satisfação desta forma – colidem com a dor e procuram outras formas de satisfação e resolução: ambição ou poder podem ser suas metas. A maior parte da civilização ocidental encontra-se neste estágio. Para um terceiro grupo de pessoas a percepção das polaridades pode ser um guia. Eles sabem que não há ganho sem perda correspondente, não há prazer sem dor, nem bem sem mal. Isto os leva mais uma vez à reflexão, que é o começo da consciência. Estes descobrem que a única forma de se libertar da urgência instintiva é o desenvolvimento pessoal. Afirma Harding (1973, p. 4):

O aumento de poder que a ciência ofereceu ao homem não foi igualado ao aumento correspondente no desenvolvimento e sabedoria dos seres humanos. [...] mesmo assim na maior parte do tempo continuamos a esperar sermos capazes de controlar conscientemente os fatos sem nenhuma mudança no homem que seja concomitante e radical. É muito mais fácil presumir que o problema está fora do que dentro de si.

Guerras, revoluções e desequilíbrio ecológico dão mostras do que o homem faz consigo, sem perceber. Exemplos abundam. Harding argumenta como a agressão aos judeus realizada pelos alemães não era consciente. Surgiu das profundezas de um povo inconsciente. Afirma a autora (1973, p. 5):

Os agressores disseram que a satisfação dos instintos no nível biológico é de direito, sem querer saber o que está implicado na sua satisfação: minha

necessidade é de grande importância; tem aprovação divina. Eu tenho que satisfazê-la a qualquer custo. Sua necessidade, em comparação, não tem nenhuma importância. Esta atitude é cinicamente egoísta ou incrivelmente ingênua.

Os desejos reprimidos persistentemente não podem permanecer assim por tempo indefinido. Não é o indivíduo que se revolta, a natureza se revolta nele. As forças da natureza transbordam – e podem fazê-lo acrescentando ou destruindo, dependendo do nível de consciência dos envolvidos. Este transbordamento do reprimido pode acontecer nas mais diversas camadas sociais, porque a repressão atinge a todas.

Ao tratarmos da dimensão coletiva, o fato deve ser observado do ponto de vista do desenvolvimento da consciência da sociedade em questão. O caminho pode ser construtivo se há canalização da libido na direção apontada por um arquétipo ou símbolo emergente, o que pode oferecer um caminho para um novo estágio na civilização.

Propomos, neste estudo, que a canalização de energia psíquica para atividades artísticas realizadas pelo terceiro setor representa um fenômeno desta ordem, representando um símbolo de transformação da nossa sociedade pela ação cultural mobilizado por um arquétipo emergente.

Estas iniciativas estimulam a utilização da pulsão criativa dos envolvidos, o que favorece a transformação da energia psíquica do nível biológico para o psíquico. Favorecem, nesse sentido, o desenvolvimento dos envolvidos. A produção artística possui, como vimos anteriormente, a capacidade de transformar a consciência coletiva, o que indica um valor psicossociocultural destas iniciativas. Os resultados observados em inclusão social, incremento econômico e transformação psíquica tanto daqueles que estão diretamente envolvidos na produção artística como da sociedade em geral, seriam produto desse símbolo emergente, enraizado na dimensão arquetípica.

Com base nessas considerações, investigamos a seguir o mundo contemporâneo pela ótica da psicologia junguiana. Ao investigarmos as manifestações de desequilíbrio e suas causas, esclareceremos a importância das ações do terceiro setor que utilizam a linguagem artística em suas ações sociais.

UM MUNDO EM CRISE A PARTIR DA LENTE DA PSICOLOGIA JUNGUIANA

Ao utilizarmos a lente da teoria junguiana para observarmos o homem atual, vemos uma orientação unilateral pela consciência, e um distanciamento do inconsciente (Jaffé, 1995). A história humana revela que o ser humano não só se diferenciou da natureza, mas passou a considerar-se mais e melhor do que ela. Hoje em dia, via de regra, o eu é mais importante do que o nós. O individualismo, a falta de conexão com as raízes – históricas e psíquicas do ser humano – tem prevalecido na sociedade contemporânea. Afirma a autora:

A supervalorização unilateral da consciência racional e de um mundo dominado pelo eu, assim como a lesão dos instintos estão na raiz de muitas neuroses e doenças psíquicas do homem moderno. Por isso, a consideração e a experimentação do substrato psíquico tornou-se uma necessidade imperiosa. (Jaffé, 1995, p. 94)

Algumas direções para que ultrapassemos, enquanto coletividade, o estágio de infantilidade e primitivismo são apontadas por Harding (1973, p. 14). Ela afirma a possibilidade de o “eu” se libertar dos desejos pessoais e mesquinhos e se aproximar do propósito e significado da vida:

O fato de essa mudança ser possível no indivíduo pode nos dar uma ideia sobre a direção que deve ser tomada para a humanidade se libertar desses ataques de violência que ameaçam a existência. Porque a raça humana está em perigo não pela falta de riqueza material ou de habilidades técnicas, mas pela barbárie persistente do próprio homem, cujo desenvolvimento espiritual fica muito atrás da sua ingenuidade mecânica e do seu conhecimento científico.

Jaffé (1995) e Progoff (1953) consideram a aproximação da realidade inconsciente e contato com a dimensão instintiva um importante meio de favorecer saúde e desenvolvimento psíquico. Sobre os métodos que os promovem, afirma Harding (1973, p. 14):

(...) porque Jung demonstrou que é possível acelerar a evolução dos desejos instintivos para ajudar no desenvolvimento cultural do indivíduo, que não

somente ganha liberdade de suas compulsões anti-sociais mas também ao mesmo tempo tem em posse a energia que antes estava aprisionada em mecanismos instintivos e biológicos. Depois dessa transformação o homem ou a mulher se torna verdadeiramente uma pessoa civilizada – um valioso cidadão do mundo.

Deve-se esclarecer que a canalização construtiva da potencialidade instintiva não é simples. Há inúmeros exemplos na história da humanidade em que a energia psíquica, proveniente da dimensão instintiva, foi utilizada para destruir: inquisição, ortodoxia comunista e stalinista, nazismo, etc. A energia psíquica proveniente da dimensão instintiva pode ser primitiva ou psiquizada, e sua utilização criativa depende da função da consciência.

Quanto mais intensa e primitiva a relação com a dimensão instintiva, mais favorecida será a relação com o inconsciente. O homem atual, que perdeu a conexão natural com o “mana” ou “wakan”, a dimensão invisível, depende do ego e de sua capacidade de discriminação e entendimento para reaproximar-se do inconsciente de maneira criativa. Somente a busca consciente de aproximação aos símbolos e a realização de escolhas que levem em conta a ética, podem favorecer o desenvolvimento e a saúde psíquica (Harding, 1973).

O homem contemporâneo vem demonstrando falta de contato com a dimensão simbólica que, segundo a psicologia junguiana, une as polaridades (Progoff, 1953, Harding, 1973, Jung, 1987, 1999, 2009). O mundo atual, repleto de contradições, não favorece a aproximação consciente do universo simbólico. Nesse sentido o símbolo social pode oferecer indicações, pois é aquele que aponta no sentido do que ainda é desconhecido para seu tempo histórico e contém aspectos prospectivos e significativos da sociedade da qual emerge. Ele pode orientar a consciência do observador para as necessidades da sociedade. Afirma Jung (2009, par. 910):

Uma vez que um símbolo, de um lado, é a melhor expressão possível e insuperável do que ainda é desconhecido em determinada época deve provir do que existe de mais diferenciado e complexo na atmosfera espiritual daquele tempo.

Ao apontar para o que é necessário e desconhecido, o símbolo realiza uma função vital. Jung (2009, par. 910) enfatiza a importância do símbolo coletivo: “Nisto consiste a eficácia poderosa e, ao mesmo tempo salvífica de um símbolo socialmente vivo”.

Jaffé (1995) afirma que Jung aponta um vácuo. O homem moderno está buscando sua alma, e neste sentido um símbolo ou um mito, que ofereçam um sentido para sua existência. E este sentido precisa ter fundamento que ultrapasse o intelecto. O problema psicológico do nosso tempo, como Jung (1989, 1990) vê, ultrapassa a psicologia. A solução para este problema demanda a atenção a símbolos que podem surgir espontânea, intensa e naturalmente, e que se mantenham vivos no psiquismo. Somente a conscientização e dedicação a estes símbolos pode conferir ao homem moderno uma vida que possa ser experienciada e vivida profundamente. Segundo Jaffé (1995) o mito atual é o do significado. Não há mais como viver uma vida sem alma, sem rito, sem símbolo. O homem que não se sente ligado à dimensão espiritual não sabe para onde ir, desaprendeu a sentir e desconhece a íntima relação com a potência inerente à vida.

A própria psicologia, vista como um campo especializado de estudo expressa por si mesma uma desarmonia do psiquismo do nosso tempo. Afirma Proff (1953, p. 218):

Nestes termos, o desenvolvimento da psicologia como um campo especializado de estudos expressa por si mesmo a desarmonia que permeia a psique do nosso tempo. Não haveria estímulo para aplicação de análise sistemática do fenômeno psicológico se a psique não estivesse chamando atenção para si em função de suas desordens.

Considera-se que a psicologia pode colaborar ao remeter-se a uma concepção da psique sem omitir referências às instituições sociais e processos políticos. Afinal, como afirma Samuels, (1995, p. 45) “O indivíduo se desenvolve no terreno das relações sociais e políticas, e portanto há um nível político do inconsciente”.

A partir desta leitura do mundo atual, podemos compreender como a dimensão psíquica coletiva necessita de cuidados. A seguir abordaremos as iniciativas observadas no mundo atual que são consideradas, nesse estudo, algumas das respostas possíveis aos problemas contemporâneos.

NOVAS VIAS: ARTE E TERCEIRO SETOR

Identificamos, no mundo atual, a emergência de iniciativas do terceiro setor que se utilizam da expressividade artística como meio de intervenção. Essas alternativas promotoras de inclusão sociocultural podem se relacionar a diferentes áreas além da arte, como a educação (Ação Educativa, 2013) ou a saúde (Lima, 1997, 2003). Vale citar algumas iniciativas como a dos Doutores da Alegria (2013), que utilizam o *Clown* para transformar os ambientes em hospitais, e favorecer a recuperação dos pacientes. A OSCIP Seremcena (2013) desenvolve peças teatrais com pessoas vítimas de afasia, e consegue com isso, junto ao desenvolvimento da fala dos indivíduos, uma melhor inserção social dos mesmos. A ONG Artedespertar (2013) desenvolve trabalhos de estimulação criativa em hospitais, despertando a humanização do atendimento e a transformação da própria concepção de tratamento nos diferentes níveis: do paciente, da equipe de enfermagem, do médico e mesmo da administração do hospital. O Centro de Atendimento Biopsicossocial Meu Guri (2013) é uma entidade filantrópica que trabalha há mais de dez anos pela emancipação e promoção de cidadania de crianças, adolescentes e adultos em situação de risco social mediante diferentes projetos. O núcleo de Atendimento Comunitário do Meu Guri, que atende cerca de 1.500 pessoas/mês, utiliza o teatro para crianças e adolescentes. O Projeto Arrastão (2013), uma rede de cidadania baseada nas áreas pedagógica, social e cultural, beneficia uma média de 6.500 pessoas por ano.

Algumas ONGs profissionalizam jovens via arte. A Associação Meninos do Morumbi (2013) ensina dança e música a mais de 4.000 jovens carentes, oferecendo também a eles diferentes cursos e remuneração pelos shows realizados. Ivaldo Bertazzo (2013) criou o “Cidadão dançante” que ensina e profissionaliza pessoas comuns, de diferentes profissões e classes

sociais pelo ensino e profissionalização da dança. A Associação Cidade Escola Aprendiz (2013) desenvolve desde 1997 metodologias e estratégias sociais que promovem a integração entre escolas, famílias e comunidades. O conjunto destas ações constitui o bairro-escola como tecnologia social que atinge 35.000 escolas públicas em todo o Brasil. A ONG realiza alguns de seus projetos em parceria com artistas, promovendo inclusão social também dessa classe de trabalhadores. A Companhia Teatral ManiCômicos (2013) realiza oficinas em escolas municipais paulistanas promovendo a inclusão social nas comunidades. O projeto “Arte por toda Parte”, em seis anos, se instalou em mais de 20 escolas da rede pública oferecendo oficinas em horário contrário ao das aulas. Ao todo mais de 600 alunos, com idades entre 10 e 17 anos, já participam espontaneamente das oficinas. A companhia oferece também cursos para formação de atores.

As iniciativas do terceiro setor que se utilizam da arte são objeto de estudo de Santos (2005), que mostra a expressiva expansão das Organizações Não-Governamentais (ONGs) na década de 1990. Considera este movimento percebido por alguns estudiosos como uma possibilidade de a sociedade “civil” apontar caminhos no sentido de “alargar” a cidadania. Muitas dessas ações têm na arte um modelo de intervenção privilegiado no acesso à cidadania. Afirma Santos (2005, p. 5):

É comum no discurso dos que desenvolvem ações no “terceiro setor” a instrumentalização da arte “como forma de potencializar o posicionamento crítico, criativo e participativo dos indivíduos”, remetendo-os ao acesso à cidadania, pois ao se atrelar criação “e fruição artísticas ao processo de formação de cidadãos, essas iniciativas reconhecem na arte um sólido caminho para o desenvolvimento humano”.

A autora sugere mais estudos sobre estas ações, considerando a arte um caminho para fortalecer a cidadania. A soma das iniciativas indicadas neste artigo é observada pela lente da psicologia analítica como um símbolo de transformação sociocultural que favorece que ampliação consciência do homem.

APROXIMANDO TEORIA E PRÁTICA: A ARTE DO TERCEIRO SETOR COMO SÍMBOLO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIOCULTURAL

As experiências citadas são algumas entre inúmeras iniciativas atuais que partem de grupos e áreas de conhecimento distintas, envolvendo profissionais das áreas da saúde, da educação e das artes. Suas semelhanças se apresentam nos benefícios socioculturais apresentados.

Além dos ganhos concretos decorrentes destas ações, há a possibilidade de evidenciarmos transformações da psique social e cultural a partir da lente da psicologia analítica. Conforme vimos anteriormente, a arte, ao ser observada pela psicologia junguiana, mostra-se como um recurso para a compensação da unilateralidade da consciência coletiva. Ao tratarmos do mundo contemporâneo, observamos que esta compensação faz-se necessária, dada a unilateralidade do homem atual.

Harding (1973) considera que a transformação do instinto puramente biológico em psíquico permite que a energia psíquica seja utilizada para reflexão, criatividade e atividade. A realização artística favorece a transformação da energia psíquica e sua aplicação a estas dimensões promovendo, com isso, condições mais favoráveis para a tomada de consciência. Esta forma de canalizar a energia instintiva pode ser aplicada à construção de cultura, e favorecer a ampliação de consciência do homem (JUNG, 1990).

A emergência de diversas iniciativas do terceiro setor que se utilizam da arte como linguagem pode, também, ser vista como um novo símbolo. Tem uma finalidade estruturante e transformadora, erguendo-se a partir dos fatos, e não em consequência deles. Jung (1987) enfatiza que a visão finalista observa a realidade desta forma, e nos leva ao encontro da finalidade contida no símbolo.

Estas iniciativas podem ser vistas como símbolos originados a partir de um arquétipo integrador. Conforme afirma Byington (2003), a existência do arquétipo central impele em direção à totalidade, que Jung chamou de “maior instinto”. Este arquétipo integrador manifesta-se na dimensão cultural, tornando visível o conceito de Byington (1999) de self cultural.

Segundo Jung (1987), a linguagem simbólica inerente à arte promove transformações de energia psíquica, que perde sua compulsividade e pode ser utilizada como pulsão psíquica. Neste sentido, o incentivo ao estudo da arte e de suas linguagens, à produção artística e à sua apresentação a público, pode ser considerado uma forma de favorecer a psiquização do instinto e sua manifestação. Mediante a expressão simbólica os atores envolvidos são tocados e transformados tanto concreta quanto psiquicamente, revelando a potência de ação do símbolo nos níveis pessoal, grupal ou social. Revela-se, na criação artística, a interface entre cultura e psique. Este fato é revelado nas palavras de Ivaldo Bertazzo (2007, p. 3), sobre seu espetáculo *Anatomia do Desejo*:

Anatomia do desejo vai muito além da história de cada um dos participantes pois, à medida que se ultrapassam etapas primárias da sobrevivência, em seu ego instalam-se o prazer de brincar por brincar e a necessidade do encontro, sedimentando o entendimento de que o homem é fundamentalmente cultural.

Os exemplos citados revelam que as ações do terceiro setor aparecem como capazes de aproximar socialmente realidades historicamente distantes: de uma lado a população carente que sem estímulo poderia revelar-se na violência, doença e degradação social; de outro a profissionalização, produção cultural, inclusão social e saúde. Ao tomarmos este fato como simbólico, compreendemos que são aproximadas as polaridades como afirma Jung (1987, 1999, 2009): mundos interno e externo, inconsciente e consciência, passado e futuro, entre diversas outras. Nesse sentido, considera-se que a arte pode ser um eficiente veículo de desenvolvimento e de canalização criativa da energia psíquica, não só para o indivíduo, mas também para o desenvolvimento do homem social e cultural.

As particularidades destas ações no Brasil trazem um campo de pesquisa prospectivo para a psicologia analítica, permitindo que diversos outros conceitos sejam aplicáveis a uma leitura mais extensa desse fenômeno, como sombra, tipologia e complexo nas perspectivas socioculturais (Ramos, 2005, Zoja, 2005, Singer & Kimbles, 2004, Penna, 1995).

Dados os limites do trabalho deixaremos estas investigações para o futuro, ressaltando que, ao tomarmos as ações promotoras de expressividade artística na dimensão social como símbolo, afirmamos sua importância sem, contudo, conhecermos suas possibilidades como um todo. Como afirma Jung (2009, par. 906) “(...) todo fenômeno psicológico é um símbolo na suposição que enuncie ou signifique algo mais e algo diferente que escape ao conhecimento atual”. Nesse sentido, guarda aspectos desconhecidos que podem apontar para sua potência sombria. O convite à aproximação reconhece seus limites. Tal como a arte, o símbolo pode ser um veículo de ampliação de consciência, mas mantém, por estar vivo, possibilidades desconhecidas.

REFERÊNCIAS

- Ação Educativa. (2013). Associação Ação Educativa. Disponível em <http://www.acaoeducativa.org.br>. Acesso em: 10 set. 2013.
- Associação Artedespertar. (2013). Associação Arte Despertar. Disponível em <http://www.artedespertar.org.br>. Acesso em: 10 set. 2013.
- Cidade Escola Aprendiz. (2013). Associação Cidade Escola Aprendiz. Disponível em <http://cidadeescolaaprendiz.org.br>. Acesso em: 10 set. 2013.
- Associação Meninos do Morumbi. (2013). Associação Meninos do Morumbi. Disponível em <http://www.meninosdomorumbi.org.br>. Acesso em: 10 set. 2013.
- Bertazzo, I. (2007). Cidadão Dançante: anatomia do desejo. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=l-DONu8kRo4&hd=1> Acesso em 10 set. 2013.
- Byington, C. A. B. (1999). Família como Dimensão Simbólica do Self. *Junguiana*, n. 17.
- _____. (2003). Para o Sistema nervoso, o Símbolo Reúne a Matéria e o Significado. In: *Entre a Psique e a Matéria - Novas Conexões*. Apostila fruto do I Simpósio do Núcleo de Estudos Junguianos do Programa de Estudos Pós-graduados em psicologia Clínica da PUC-SP.

- Doutores da Alegria. (2013) ONG Doutores da Alegria. Disponível em <<http://www.doutoresdaalegria.org.br/>>. Acesso em: 10 set. 2013.
- Meu Guri (2013). Centro de Atendimento Biopsicosocial Meu Guri. Disponível em <<http://www.meuguri.org.br>>. Acesso em: 10 set. 2013.
- Cia Teatral Manicômicos. (2013). Companhia teatral Manicômicos. Disponível em <<http://www.manicomicos.com.br>>. Acesso em: 10 set. 2013.
- Harding, M. E. (1973). *Psychic Energy*. Its source and its transformation. Princenton: Princenton University Press.
- Hillman, J.; Ventura, M. (1995). *Cem anos de Psicoterapia...e o mundo está cada vez pior*. São Paulo: Summus.
- Jaffé, A. (1995). *O mito do significado na obra de C G Jung*. São Paulo: Cultrix.
- Jung, C G. (2009). *Tipos Psicológicos*. T rad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (1989). *Símbolos da Transformação*. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1987) Relação da Psicologia Analítica com a obra de arte poética. In: _____. *Obras Completas de Carl Gustav Jung*. Vol XV: *O espírito na arte e na ciência*. Trad. De Maria de Moraes Barros. Petrópolis, Vozes.
- _____. (1990). *A energia psíquica*. v. 8/1. Tradução Mateus Ramalho Rocha. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lima, E. M. F. A. (1997). *Clínica e Criação - A Utilização de Atividades em Instituições de Saúde mental*. Dissertação de doutorado em Psicologia Clínica, PUC - SP.
- _____. (2003). *Das Obras aos Procedimentos - ressonâncias entre os campos da Terapia Ocupacional e da Arte*. Tese de doutorado em Psicologia Clínica, PUC-SP.
- Penna, H. M. D. (1995) Violência. *Junguiana - Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*. n. 13, São Paulo: Palas Athena.
- _____. (2003). Um Estudo sobre o Método de Investigação da Psique na Obra de C. G. Jung, Dissertação de Mestrado, Programa de Psicologia Clínica, PUC-SP.

- Progoff, I. (1999). *Jung's Psychology and its Social Meaning – a comprehensive Statement of CGJung's psychological Theories and an Interpretation of their Significance for the Social Sciences*. 1a ed. USA: Routledge.
- Projeto Arrastão. (2013). Disponível em <<http://www.arrastao.org.br>>. Acesso em: 10 set. 2013.
- Ramos, D. (2005). Corrupção: sintoma de um complexo? In: A Sombra na Política. III Simpósio do Núcleo de Estudos Junguianos. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, PUC-SP.
- Samuels, A. (2002). *A política no divã*. Cidadania e vida interior. São Paulo: Summus.
- Santos, V. N. (2013) “Arte e Terceiro Setor” no Brasil: o discurso da cidadania. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina, 2005. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1027.pdf>>. Acesso em 31 out.2013.
- Ser em Cena. (2013). Disponível em <<http://www.seremcena.org.br>>. Acesso em: 10 set. 2013.
- Singer, T. Kimbles, SL. (ed) (2004). *The Cultural Complex*. New York: Brunner – Routledge, p. 147-170.
- Tacey, D. (1997). *Remaking Men*. Londres: Routledge,
- Zoja, L. (2005). Carl Gustav Jung como fenômeno histórico-cultural. *Cadernos Junguianos*. 1 (1). São Paulo: AJB.